

TENENTE ALFREDO DANTAS: “PORTE ALTIVO DE PATRIARCA” E PRECURSOR DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM CAMPINA GRANDE

Vivian Galdino de Andrade
Universidade Federal Da Paraíba
vivetica@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo busca discutir a participação de Alfredo Dantas na elaboração de uma finalidade educacional para as escolas campinenses durante as décadas de 1920 a 1940. Este educador/intelectual era professor do Instituto Pedagógico, escola precursora de uma educação profissional na cidade de Campina Grande/PB. O pensamento educacional produzido por este professor tenente circulava nos impressos pedagógicos produzidos pela instituição escolar na qual atuava, e eram denominados como *Revista Evolução* (1931-1932) e *Jornal Comercio de Campina* (1932). Estes gêneros jornalísticos formavam a opinião pública em Campina Grande, trazendo ideias, prescrições e normatizações que corroboravam com o projeto de modernização que vivenciava a cidade á época. Tido como um “herói da educação”, o tenente buscava suprir as necessidades de Campina Grande, enfatizando em seus escritos temas outros que eram reconhecidos como de interesse na cidade. Como protagonista na produção de um esboço de educação para Campina Grande este educador é aqui pensado como partícipe de uma “*intelligentsia* campinense”. Orientados pelos pressupostos da História dos Intelectuais e também pela Nova História Cultural foi que utilizamos as fontes de autoria jornalística e institucional para pensar os sentidos compartilhados no interior dos discursos, tentando associar o tema da educação como partícipe de um processo de modernização da cidade de Campina Grande, associada à construção de uma sociedade ordenada, asseada e laboriosa.

Palavras-Chaves: *intelligentsia* campinense, educação e impressos pedagógicos;

Este artigo é parte integrante de minha tese de doutoramento¹ no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Ele visa discutir a participação do tenente Alfredo Dantas² na elaboração de uma finalidade educacional para as escolas campinenses durante as décadas de 1920 a 1940. Professor do Instituto Pedagógico, escola que funcionou na cidade de Campina Grande³ durante os anos de 1919 a 1942, este pensador produziu um esboço de educação para a cidade, sendo interpretado por nós, neste artigo, como intelectual, elaborador de ideias que estavam voltadas para o engrandecimento da pátria a partir da formação de cidadãos locais.

O Instituto Pedagógico foi fundado pelo Tenente Dantas em 17 de fevereiro de 1919. Funcionou de início na Rua Barão do Abiaí, sendo transferido nos anos de 1930 para a Rua Marquês do Herval, no prédio municipal cedido pelo presidente João Pessoa. Antiga sede do

¹ A tese denominada “Alfabetizando os *filhos da Rainha* para a civilidade/modernidade: o Instituto Pedagógico em Campina Grande (1919-1942)”, foi orientada pela Dra. Cláudia Engler Cury, e defendida em agosto de 2014.

² Segundo o Memorial Urbano de Campina Grande (1996), Alfredo Dantas Correia de Goes nasceu em 17/11/1870. Filho do Dr. Manoel Dantas Correia de Goes, presidente interino da Paraíba em 1889, casou-se com Ana de Azevedo Dantas (Yayá). Faleceu em 19/02/1944 de câncer.

³ Conhecida como Rainha da Borborema, é a segunda maior cidade da Paraíba. Concebida como entreposto comercial, ela se localiza no agreste paraibano, entre a capital do estado e o sertão.

Grêmio de Instrução Campinense, amplia suas instalações físicas e funda as chamadas “Escolas Anexas”, nas quais passou a funcionar a Escola de Instrução Militar General Pamplona (incorporada ao Tiro de Guerra Nacional), mais conhecida como Escola de Tiro 243, o Curso Comercial Propedêutico e Peritos Contadores e a Escola Normal João Pessoa, tornando-se o primeiro estabelecimento secundário que conferiu títulos técnicos profissionais no interior da Paraíba.

Oferecia também o curso primário e de preparação aos secundários. Só em 1943 passou a ser denominado como Ginásio Alfredo Dantas, sob a direção de Esther de Azevedo, e em 1945 passa para as mãos de Severino Lopes Loureiro. Em 1950 passaria a ser reconhecido pelo atual nome, Colégio Alfredo Dantas – CAD. A temporalidade que demarca a existência da instituição enquanto Instituto Pedagógico, dos anos de 1919 a 1942 é o período que compõe a nossa escolha temporal para este artigo, por acreditarmos que em 1943, já com o novo nome, a Instituição teria sua proposta pedagógica modificada.

Acreditamos que enquanto Instituto Pedagógico a escola foi elemento partícipe para a realização de um projeto de modernização que enfrentou a cidade no período mencionado, estando atrelada a urbanização dos prédios e dos costumes que passaram a circular desde então, uma vez que o pensamento de políticos e intelectuais durante o século XX estava embasado pela ideia de movimento e mudança, que tinha na educação a “ferramenta” de um progresso que habilitaria os sujeitos para o conhecimento e para o trabalho, viabilizando em Campina Grande um projeto de cidade que se queria instaurar – a de cidade do comércio, e por isso moderna para o trabalho.

Annos atraz, Campina Grande já se ufanava de ser o maior empório commercial do Estado, capaz de grandes realizações, parecia esquivada a outra sorte de progresso que não fosse o puramente commercial. Resentia-se da falta de um educandário aonde se ministrassem aos seus filhos os princípios essenciaes a uma formação intelectual e physica compatível com o progresso do século e, portanto firmada e praticada dentro das vigências da moderna pedagogia. [...]. Cumpre dizer que entre os collegios particulares dessa época mencionavam as raras, porem honrosas exceções a regra verbi grata: [...] o Alfredo Dantas, que se impõe o árduo encargo de dar a cidade o Instituto Pedagógico (Jornal COMERCIO DE CAMPINA, 29 de outubro de 1932).

Notamos que tanto a instituição (representada na figura de seu fundador), como a cidade de Campina Grande, tiveram sua imagem construída pelos diversos veículos jornalísticos, tanto os de livre circulação estadual como aqueles que eram produzidos pela própria escola que citamos, tais como a *Revista Evolução*, o *Evolução Jornal* e o jornal *Comercio de Campina*. Tais impressos possuíam intenso trânsito e traziam discussões sobre a cooperação dos pais na educação infantil, a

cobrança de mensalidades, conselhos higiênicos, perfil das normalistas e as festividades escolares. Destas produções, apenas a *Revista Evolução* e o *Jornal Comercio de Campina* serão nossas fontes para este artigo, tendo em vista que apenas estes dois gêneros eram liderados e editados por Alfredo Dantas. Trataremos estes impressos como veículos propagadores dos ideais de educação e de cidadão que pensava o tenente Dantas, consolidando uma forma de normatização de leitores e alunos/as que liam e estudavam no Instituto Pedagógico.

Torna-se válido destacar ainda que a produção e edição destes impressos também tinha a forte atuação de Manoel Almeida Barreto⁴, considerado editor-chefe das publicações. No entanto, para este texto, nos deteremos mais enfaticamente na figura do tenente, por vê-lo como peça chave aos rumos educacionais da cidade no período. Era por meio da figura dele que o Instituto Pedagógico ganhava relevância no município.

Ao pioneiro da instrução
Toda bondade e mansidão, prosegue
Em seu labor quotidiano, obscuro.
Na mocidade ao seu cuidado entregue,
Ele prepara o messidor futuro.
Não só desvenda da Instrução a Luz,
Também pioneiro de um Civismo ardente,
Ele da Pátria ao santo amor conduz
A nossa tenra e brasileira gente.
Lente operoso, ao seu labôr se aferra...
Fás do Progresso alevantar-te o arbusto,
Ruir consegue da Ignorância o tétu.
E agora escuta, ó campinense terra
Dá como premio ao seu trabalho adusto
O teu profundo, imorredouro afeto!
(Iracema Marinho. REVISTA EVOLUÇÃO, Ano 1, N°4, 1931, p.9).

Esse *status* elaborado para o diretor, de “operoso” e com um “labor que se aferra”, promovia a instituição e induzia um sentimento de identificação, afetividade e de pertencimento à escola. Publicações como essas tinham a intenção de levar os/as discentes a uma admiração incomensurável para com o tenente, este que insistia em ressaltar nos impressos que o que o movia não eram as questões financeiras, mas o gosto pelas letras e pela distribuição do saber.

⁴ O professor Manoel de Almeida Barreto nasceu em 10/01/1886. Filho de Manoel Rodrigues Barreto e Cândida de Almeida Barreto, aos 10 anos ficou orfão. Foi, então, criado por um tio que era Bispo. Chegou a ser ordenado padre, mas desistiu da vida sacerdotal. Em 1927 passou a residir na cidade paraibana de Campina Grande, onde criou seus 3 filhos e dedicou-se ao magistério em diferentes educandários da cidade. Chegou a assumir, interinamente, o cargo de Prefeito, quando era secretário municipal campinense. Depois de 42 anos contínuos de dedicação ao ensino aposentou-se em 1948. Faleceu em 16/02/1962, em Recife, mas foi sepultado em Campina Grande, onde existe uma rua em sua homenagem. (Memorial Urbano de Campina Grande, 1996)

Na citação anterior ainda podemos denotar que era através dos periódicos que ações e as imagens do Instituto Pedagógico ganhavam relevo e significância. A *Revista Evolução* era um *magazine* produzido pelos próprios/as professores/as e alunos/as do Instituto Pedagógico, editado para ser um espaço de circulação de ideias. Funcionou entre os anos de 1931 e 1932 em tiragem mensal. Além de Alfredo Dantas e de seu redator-chefe Manoel Almeida Barreto, compunham ainda sua equipe editorial as professoras Herundina Campêlo e Tetê Campêlo. O termo que lhes dá identidade – Evolução – traduz as similaridades entre a instituição e a cidade, é o que dispõe o *magazine* quando anuncia que “[...] seu título equivale a um programa veiculado pelo sopro de vida emergente do seio pletórico, que é o meio social de Campina Grande” (*Revista Evolução*, Nº1, 1931, p.9). Editada por “[...] valioso núcleo de espíritos com capacidade para dinamizar o progresso nas letras, ela se destinava a sociedade em geral” (Idem) e tinha como finalidade “[...] agremiar inteligências cultas no intuito de coordenar esforços no apiário das letras” (Ibidem).

Já o *Jornal Comercio de Campina* era um “Órgão de interesses sociais” (*Comercio de Campina*, 19 de março de 1932), que tinha no próprio nome o seu programa de discussão. Ambos os periódicos são tomados como um “[...] ‘*corpus documental*’ de inúmeras dimensões, pois consolida-se como testemunho de métodos e concepções pedagógicas de um determinado período” (CARVALHO et al., 2002, p.72). Por eles, podemos ter a compreensão de parte de um processo histórico educacional vivenciado em Campina Grande, que edificou concepções educacionais para além do espaço institucional da escola.

Vieira (2005) alerta que tomando a década de vinte do séc. XX, como um marco da historiografia brasileira, de onde muitos estudos partiram para discutir a educação, a economia, o urbanismo, a arte como novos projetos de uma modernidade, não seria diferente pensar a imprensa como mais um elemento pedagógico propulsor desta modernização dos espaços. Pela tecnologia que ela incorpora, pela produção e circulação de notícias, como também pela possibilidade de trazer à tona debates que abrangem o local, mas também o nacional e o internacional, era a imprensa mais um braço desse cosmopolitismo modernizador que se instaurava no Brasil, e por assim dizer, em Campina Grande. Segundo as ideias deste autor, podemos interpretar o *Comercio de Campina* como um jornal que representou meio privilegiado “[...] para a ação do sacerdócio modernizador” (VIEIRA, 2005, p.2), influenciando a sociedade e formando a opinião pública em Campina Grande.

Hebdomadário, “órgão de defesa e publicidade de tudo que nos parecer oportuno” (*Comercio de Campina*, 19 de março de 1932), o *Comercio de Campina* tratava de “[...] comercio, industria e lavoura, pecuaria, não esquecendo das classes proletarias com seus infinitos braços

produtores, auxiliares indispensáveis para o progresso” (idem). Tinha ele então “[...] capacidade de amoldar as mentes ao exercício do mero registro da vida social” (VIEIRA, 2005, p.2).

Por estes impressos, passamos a considerar Alfredo Dantas como parte da classe intelectual campinense, juntamente com Manoel Almeida Barreto, Cristino Pimentel (colunista e jornalista) e Elpídio de Almeida (médico), compondo o que denominamos como “*intelligentsia* campinense”. Pensar sobre isto se torna possível quando fazemos menção a História das Ideias, que segundo Vieira⁵ (2014a, p.1), “[...] foi tratada de maneira a focar não somente as teorias, os sistemas de pensamento, mas também os agentes, os projetos, as instituições e, sobretudo, as ações que estas informavam e justificavam”.

Intelligentsia era o termo antes utilizado para definir os intelectuais, que segundo Vieira (2014a) é constituído de sentido polissêmico⁶. Também compreendida como aquela que define os membros mais educados e cultos de uma sociedade, a *intelligentsia*, segundo Vieira (2014a) também estava associada à ideia de uma elite, que formada em alto grau de instrução, substanciava um pequeno grupo, responsável pela elaboração de propostas sociais para toda uma coletividade. Encontramos nesta perspectiva, Alfredo Dantas delineado nesta caracterização, como intelectual que pensa a educação de acordo com seu grau de instrução e do papel social que assume na sociedade campinense.

Representante de um “[...] *ethos* da renovação, da modernidade, da civilidade, do progresso do povo e da nação” (VIEIRA, 2014a, p.3), este homem de vida pública possuía discursos educacionais nacionalistas que engrandeciam a pátria, mas também formavam o cidadão que deveria habitar nela, adequando-os segundo a percepção das mudanças que se delineavam no Brasil na época. Anunciador do “novo”, com apelo cívico, divulgava novas formas de pensar e agir, responsabilizando a educação como uma ferramenta de regeneração do país.

[...] Fazemos esforços para subir, e descemos. Ensaíamos um vôo para o alto, porem, o povo não tem azas. A geração de amanhã, educada hoje, realizaria os nossos sonhos. A escola cabe a tarefa. [...] Depende exclusivamente de nossa educação, meio viável para formação de novos hábitos cívicos. Um povo consciente obriga o governo a tomar diretrizes certas, em ambientes predispostos. Temos ideas grandes para cérebros pecos. Brasileiros, revolucionários, ou não,

⁵ Para Vieira (2014b), a *intelligentsia* educacional, durante os anos 80 e 90 do século XX, permaneceu focada em novas bases teóricas, que fundamentavam a criação de um campo de pesquisa denominado “História das Ideias”. Ainda, segundo Vieira (2014b), a “História das Ideias” passa a ceder lugar, dentro do campo da História da Educação, à “História dos Intelectuais, ou também, História Intelectual”.

⁶ Vieira (2014a) aponta três teorias que tomam o termo intelectual de forma distinta: 1. Segundo Karl Manheim, se entende por intelectual aquele que é “mediador de conflitos”; 2. Antonio Gramsci, o intelectual é um “dirigente e organizador da cultura” e Pierre Bourdieu, que ver no intelectual um “produtor de capital simbólico”.

pensai na educação cívica do povo, sem o que é improficuo o vosso esforço (Jornal COMERCIO DE CAMPINA, 30 de julho de 1932).

O projeto de nação e de cidade moderna só seria concretizado diante de um povo ordeiro, saudável, homogêneo e educado que lutasse por uma causa em comum – a pátria – e era sob esse ideal que a escola era também convocada a atuar. Nesse período, o país vivenciava o que Nagle (2009) denominou de entusiasmo pela educação, através de um otimismo pedagógico que adentrou as instituições educativas permeadas também pelos ideais escolanovistas. Segundo o autor a instrução passou a ser tema central nas discussões que fundamentavam os movimentos político-sociais que regiam o país no início de 1920, transformando um “[...] programa mais amplo de ação social num restrito programa de formação, no qual a escolarização era concebida como eficaz alavanca da história brasileira” (NAGLE, 2009, p.117). Nesse contexto, a escolarização não era apenas assunto de educadores/as, mas também de políticos e intelectuais, como aqueles que encabeçaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova⁷.

TENENTE ALFREDO DANTAS: EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM CAMPINA GRANDE

Diretor do Instituto Pedagógico era o tenente uma figura emblemática, um “homem-instituição”⁸. “Fardado de branco, de porte altivo, patriarca dos valores bíblicos” (Acervo do Colégio Alfredo Dantas, 1969), era um homem descrito como guardião da moral e dos valores tradicionais. Formado dentro de uma educação rígida e bélica, foi ex-aluno da Escola Militar do Ceará, durante os anos de 1889 a 1897. Levou para a vida de educador os princípios militares estando de “‘Braço as armas feito’, depois a mente ás letras dada, pela mais nobre e árdua missão de educar a mocidade” (*Revista Evolução*, N°3, 1931, p.6).

Por ser um homem de visão, assumiu para si a tarefa de levar para Campina Grande uma educação profissionalizante. Uma cidade que se destacava a muito pelo comércio do algodão, aberta para receber os que vinham de fora com intenções de fazer negócios na cidade, representava um

⁷ “O ‘Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova’ consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. Redigido por Fernando de Azevedo, o texto foi assinado por 26 intelectuais, entre os quais Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Roquette Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles. Ao ser lançado, em meio ao processo de reordenação política resultante da Revolução de 1930, o documento se tornou o marco inaugural do projeto de renovação educacional do país. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoPioneiros>>. Acesso em: 03/07/2014.

⁸ Termo utilizado por Portes (2009), para definir Francisco Mendes Pimentel.

espaço adequado para a fundação de uma escola que estivesse voltada à formação das profissões. Desta forma, se tornou em Campina um personagem histórico, cujas imagens/representações sobre ele ressaltam suas ações pedagógicas inovadoras. Diziam as publicações que ele se preocupava, tão somente, com o progresso integral da cidade e de seus moradores.

Não nos móve interesse ímprobo, nem compensações amoedadas, ou queijandas veleidades. [...] Reunir todos os elementos intelectuaes da terra, da-lhe acolhida fraterna, congregá-los sob a égide vexilaria da <Evolução> - tal é o nosso escôpo para maior relêvo desta cidade *leader* (REVISTA EVOLUÇÃO, Ano 1, Nº1, 1931, p.9).

Com um teor missionário pela educação campinense, essas revelações conduziam os/as leitores/as a saborear as “benesses” ofertadas pela cidade e pela escola. Esposo de Ana de Azevedo Dantas, mais conhecida como Dona Yayá, não tinha filhos consangüíneos, adotando a enteada Esther de Azevedo como filha e, possivelmente, sucessora de suas atividades educacionais. Professora do Instituto desde sua fundação, Esther chegou a assumir o Ginásio Alfredo Dantas, mas após a morte do padrasto, em obediência à mãe, repassou a direção para o então comprador da escola, Severino Loureiro.

Uma guerra norteadada pela causa das letras, este era o lema do tenente, que tinha em mente o projeto de tornar uma cidade educada pela escola. Entre seu legado estava a “[...] disciplina e abnegação às causas educacionais e culturais” (DINOÁ, 1993, p.251) na cidade.

E é que o tenente Alfredo Dantas tem o contorno lendário de uma personalidade com duas vidas, apresentando seus contrastes e confronto: - a do militar e a do educador. Ambas aparentemente distintas, porem, na realidade, idênticas. Qualidades que exigem na moldagem de uma, são indispensáveis para outra: - rigidez de caráter, atitude nobre, elevação do espirito, vontade infrangível. São esses os quatro pontos cardeais para onde se dirige a bussola do espirito humano. Tudo mais são pontos colaterais que pouco influem no contexto elucidativo da personalidade. O diretor do Pedagógico formou o seu espirito num ambiente de disciplina e de bravura. Alúno da Escola Militar, ao tempo em que o Marechal de Ferro consolidava a Republica, para êle da guarda juvenil dos cadêtes que formavam o cordão sanitario em torno do Marechal, para salvar a jovem Republica. Firmeza, lealdade, decisão, pontoalidade, - eis o traço vivo da vida do galvanizador republicano, actuando no espirito daquêla centuria de mancebos, decididos para a vida e para a morte, ao lado de Floriano Peixoto (*Revista Evolução*, Nº3, 1931, p.6).

Esse conjunto de atribuições fez do tenente a identidade do Instituto Pedagógico, educando alunos/as como soldados, pela modelação do caráter e inserção da disciplina. Para Foucault (2006, p.117), o soldado era um sujeito fabricável, uma máquina coagida e calculada, uma figura que “[...]”

se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia”. Por estes traços inscritos no corpo pela formação militar, é que Alfredo Dantas de longe se fazia reconhecível, adotando uma postura de coerção disciplinar como prática de autoridade na escola. Era imprescindível blindar o corpo e o espírito da mocidade campinense, educá-la e redimi-la às novas premissas republicanas, que buscavam um jovem brasileiro ordeiro e disposto ao servir à pátria. Como o obreiro desta causa, dava ensejo e legitimidade a sua iniciativa privada em Campina Grande.

O entusiasmo e abnegação com quem vem lutando o Tenente Alfredo Dantas, para manter uma escola de instrução superior, à altura desta grande e prospera Cidade, foram a razão de ser deste movimento, que mui palidamente é o reflexo de nossa grande admiração e reconhecimento. Dispondo de um corpo docente, que honra a instrução neste Estado, e com a proximidade do Gabinete de Física e química, *esse acreditado estabelecimento, aparelhado na verdadeira acepção da palavra*, atingirá o pináculo da glória, como desbravador do analfabetismo nesta Cidade, - caminho do alto sertão do nordeste brasileiro (EVOLUÇÃO JORNAL, 17 de junho de 1934). Grifos nossos.

A busca estava pela modernização das práticas urbanas, mas também escolares. E a aquisição do Gabinete refletiria bem a investida do diretor tenente em prol de uma organização pedagógica que formasse bons alunos e cidadãos aptos ao futuro da nação. É o que expõe a citação abaixo:

Todos os países que estão á frente do mundo economico, pela produção e industria, só o conseguiram, formando o seu povo em estabelecimentos de pesquisas científicas, em institutos teóricos e práticos sob o olhar rigoroso da ciência. Donde, conclue um sociólogo, - *no mundo moderno, os olhos de um povo são a química e a mecânica*. [...] Infelizmente, é preciso que se diga, estas ciências são ainda monopólio de escolas superiores em grandes centros, sem o contacto regional, sem uma finalidade que não a de servir a espíritos privilegiados que a cultivam em laboratórios para fins comerciais. Já era tempo do o governo criar institutos desta ordem, consoante as necessidades regionais para a formação das grandes vocações que se encontram entre o povo, divulgando conhecimentos para todos formarem sua mentalidade industrial, com base científica na mecânica e na física. [...] (Jornal COMERCIO DE CAMPINA, 9 de abril de 1932).

Era nesta perspectiva que o intelectual defendia sua postura. Os benefícios das ações desenvolvidas pela escola atingiriam “[...] a propria vida economica”, pois, “[...] em vez de um exercito de analphabetos a povoarem as officinas [...]”, o Estado passaria a ter “[...] um pessoal operario sufficientemente preparado para exercitar os seus misteres com intelligencia e aptidão” (REVISTA EVOLUÇÃO, Ano 1, Nº 8 e 9, 1932, p.37), o que ofereceria “garantias de economia e

incremento” à indústria que se tentava organizar no país. Destarte, instruir apenas as crianças – para ler, escrever e contar – não mais bastava. Era preciso instruir, educar e “[...] dar uma profissão” (Idem).

E foi neste norte que em cima da figura do tenente e de sua formação educacional e militar, se constituiu um homem aperfeiçoado, provido de “firmeza e lealdade”, para desempenhar a missão de levar para a escola a defesa dos valores patrióticos e morais, afinal “[...] Para se ser militar, ou educador, faz-se necessário sorrir ante a adversidade, ter animo sereno para não desviar-se da rota que se traçou” (*Revista Evolução*, N°3, 1931, p.6). Portador de duas funções que adquiriam sentidos importantes no contexto da época, o tenente não deixava de ser um visionário, que desejava transformar o Instituto Pedagógico em “[...] um educandário modelar, com uma escola normal bem arregimentada, como a da capital, pela qual se molda rigorosamente” (idem, p.7).

Como os demais mártires da República defendiam seus ideais, em Campina Grande se construía também uma investida educacional pelas mãos daquele que “[...] na milícia foi combatente, nesta outra milícia civica muitos combates há dado á treva espiritual, que à guisa de nebulosa, pela ação do mestre, vai se convertendo em pontos luminosos, no firmamento humano” (Ibidem). Mesmo não tendo nenhuma formação acadêmica para atuar na área educacional e não compondo o corpo docente da escola, seria Alfredo Dantas em Campina Grande, mais enfaticamente até os anos de 1937, aquele que ‘limparia’ a escuridão causada pelas doenças citadinas, entre elas mais enfaticamente o analfabetismo⁹.

Esta falta de formação acadêmica não o excluiu do grupo da “*intelligentsia campinense*”, uma vez que para Vieira (2014c) a definição de intelectual não está atrelada a nenhuma formação ou posição institucional específica. Mesmo sem produções teóricas na área educacional, Alfredo Dantas se fez atuar no cenário educativo campinense, fazendo de sua escola projeto de ação e referência para as demais. Sua função social ditava a formação cultural da mocidade, tanto pelos impressos pedagógicos e jornalísticos que produzia, quanto pela seleção do que era e deveria ser ensinado na escola. Se seu objetivo era fazer parte da história da cidade ele conseguiu, tendo atualmente seu nome edificado em construções que se localizam no centro da cidade, como o colégio e a praça Alfredo Dantas.

⁹ Em Campina Grande, no ano de 1920, de uma população total de 70.806 pessoas: de 0 a 6 anos apenas 67 sabem ler, enquanto 16.308 não sabem ler; de 7 a 14 anos 1.344 sabem ler, enquanto 14.110 não sabem ler; de 15 ou mais anos 7.396 sabem ler enquanto 31.581 não sabem ler. Dados existentes no Anuário Estatístico do Estado da Parahyba (1930).

Precursor de uma educação profissional, dentro de um contexto de modernização da cidade, simbolizava o Instituto Pedagógico uma escola bem quista para a formação dos cidadãos campinenses, inclusive para o trabalho. Com escolas anexas voltadas para a profissionalização dos/as discentes, tinha o Instituto um olhar mais direcionado sobre a Escola do Comércio, considerando-a seu maior cartão de visita, talvez por que “A mocidade campinense [...] devesse compreender a necessidade de habilitar-se para o exercício de suas funções no comércio, sem o que ficará sem as colocações que condizem com suas aspirações” (Jornal COMERCIO DE CAMPINA, 19 de março de 1932). Por deter essa finalidade profissionalizante, passou a ser de utilidade pública do Estado, uma vez que:

[...] o problema da instrução para os centros populosos, como sejam cidades de vida comercial e industrial, vai sendo resolvido como em Campina Grande, já pelos institutos oficiais, e momentaneamente pela iniciativa particular estimulada pelas subvenções que o governo lhe dá (REVISTA EVOLUÇÃO, N° 8 e 9, Ano 1, 1932, p.19).

Era o Instituto uma espécie de “escola solução” aos problemas advindos com a modernidade em Campina Grande. Por meio de seus instrumentos de comunicação, Alfredo Dantas estimulou nos/as alunos/as uma fé irrestrita para com a pátria e com o progresso que ela almejava instituir, assumindo o papel de reorganizador da sociedade campinense, a partir das novas configurações dadas ao ambiente escolar. Sua trajetória se confunde com o caminho de busca pelo desenvolvimento percorrido pela cidade, estando o Instituto Pedagógico como causa, mas também instrumento impulsionador da modernização da cidade.

[...] Ten. Alfredo Dantas Correia de Goés, vencendo obstáculos e inauditos, provando com fatos, que não visava lucros, mas somente proporcionar à Campina Grande uma instituição de ensino que fosse parcela eficiente no seu desenvolvimento, que então, se avantajava. Foi, sem dúvida, precursor do ensino técnico desta cidade, fundando os cursos propedêutico, de perito contador e conseguindo equiparar o Colégio à escola Normal do Estado. O colégio cresceu com a cidade, sendo já causa atuante na sua prosperidade vertiginosa. O seu labor foi intenso durante 25 anos; a estas alturas o Colégio chegou com o conceito singular de preparar bem os moços que o freqüentavam, moral, intelectual, cívico e tecnicamente, formando gerações capazes de servirem, com vantagem, à Pátria, à família e à sociedade (Severino Loureiro. Acervo do Colégio Alfredo Dantas, 1975).

Essa vocação pedagógica e missionária que alcançava “O espírito crítico e o senso estético” (NEPOMUCENO, 2010, p.87) de Alfredo Dantas norteou também a trajetória de outros oficiais do exército. Essa entrada de militares na escola não é própria da república, mas remonta o séc. XVIII,

quando os oficiais do exército atuavam como professores. Eles eram requisitados pelo Estado devido a sua qualificação intelectual e ao auxílio que prestavam nas iniciativas monárquicas.

Como defensores árdios da pátria, estes militares educadores traziam as insígnias da nação. Reunindo os elementos representativos da Instituição, o Hino da escola revela em seus versos traços militares que perpassam valores e ideias educacionais, relatando momentos de combate, que aclamam a educação e o saber como armas que pregam a eugenia e a luta contra o analfabetismo. Além de estimular a construção de um sentimento de nacionalidade, suas rimas enaltecem o Instituto e convidam seus/suas alunos/as a servir incondicionalmente à pátria.

Quando alegre e felizes marchamos/Sob o azul deste céu impoluto/ Sem querer a sorrir exaltamos/ O áureo nome do nosso Instituto/ Há do livro ser a couraça/ E a caneta há de ser o fuzil/ Para a glória eterna desta raça/ Que é o orgulho do nosso Brasil/

Ó bravos filhos do Norte/ A Pátria quer nosso tributo/ Nosso ideal excelso e forte/ É ver a glória do Instituto/ Se a nossa vida é uma liça/ É mister tudo assim vencer/ só poderemos ter justiça/ Com a luz sublime do saber/

Não podemos perder um minuto/ Precisamos lutar e vencer/ Para a glória do nosso Instituto/ Excelso templo de imortal saber/ Somos filhos das plagas do Norte/ E vivemos à luz do cruzeiro/ Defendendo tal qual o mais forte/ O auriverde pendão brasileiro/

Honraremos o nosso Instituto/ Propaganda sem trégua a instrução/ Pois o nosso sublime reduto/ Diz que o estudo é a melhor diversão/ O Pedagógico é uma grande oficina/ Ao clarão da áurea luz do saber/ Quem estuda há de ter disciplina/ Para um dia cumprir seu dever (Hino do Instituto Pedagógico. Autor: Murilo Buarque). (DINOÁ, 1993, p. 245).

Conhecedores da autoria, mas não do ano de sua produção, acreditamos que o hino denuncia o contexto histórico em que fora produzido, tomando o vocabulário do exército para expressar a tênue fronteira entre ele, o saber e os valores apregoados pela nação. A imagem de virtude projetada no hino e na proposta pedagógica da escola, baseada nos ideais republicanos, definia o modelo de aluno/a que se queria formar, perpassando desde a arquitetura da escola, sua infraestrutura, ao currículo dos cursos oferecidos e a formação dos docentes que atuavam sob os valores que deveriam constituir o caráter dos novos cidadãos.

Alfredo Dantas, além de tenente do exército e diretor do Instituto, desenvolveu diversas funções no campo jornalístico e educacional em Campina Grande, se tornando um intelectual frequentemente requisitado por ter transformado o Instituto em uma escola pioneira ao que se concebia, à época, como renovação pedagógica. Essa combinação de “tradição” (representada pelo

modelo militar) e “inovação” (aliada aos novos referenciais pedagógicos que surgiam à época) proporcionou à instituição papel relevante no panorama pedagógico paraibano e, especialmente, campinense.

Referências Bibliográficas:

ANUÁRIO Estatístico, 1930.

CARVALHO, C. H.; ARAUJO, J. C. S.; NETO, V. G. Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia – MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, J. C. S.; JÚNIOR, D. G. (Orgs.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira**. Instituições Escolares e Educação na Imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. p.66-89.

DINOÁ, R. **Memórias de Campina Grande**. Campina Grande: Copyright, 1993. v. 1 e 2.

EVOLUÇÃO JORNAL. Campina Grande, 1934.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 31. ed. Tradução de: RAMALHETE, R. Petrópolis: Vozes, 2006

JORNAL COMERCIO DE CAMPINA. Campina Grande, 1932.

NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009

NEPOMUCENO, M. de A. Intelectuais militares, vias de transporte e comunicação e educação em Goiás (1917-1935). In: ALVES, C.; NEPOMUCENO, M. de A. (Orgs.). **Militares e educação em Portugal e no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Quartel, 2010. p. 85-121.

REVISTA EVOLUÇÃO. Ano 1, ns. 1 a 9, 1931-1932.

RODRIGUES, J. E.; GAUDÊNCIO, E. O.; ALMEIDA FILHO, S. **Memorial Urbano de Campina Grande**. Prefeitura Municipal de Campina Grande, 1996.

VIEIRA, C. E. Intelligentsia e intelectuais. Sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista16**, 2008. p.63-85. Disponível em: <file:///C:/Users/PVL/Downloads/109-348-1-PB.pdf>. Acesso em: 03/06/2014a.

_____. **Historia dos Intelectuais: representações, conceitos e teorias**. p.1-11. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo06/Coordenada%20por%20Carlos%20Eduardo%20Vieira/Carlos%20Eduardo%20Vieira%20-%20Texto2.pdf>>. Acesso em: 01/06/2014b.

_____. **Educação e modernidade no projeto formativo de Erasmo Pilotto**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo06/Coordenada%20por%20Carlos%20Eduardo%20Vieira/Carlos%20Eduardo%20Vieira%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em: 01/06/2014c. p. 1-9.